

Países mais ricos do mundo discutem crise do Brasil

Fritz Utzeri

Correspondente

Paris — O problema da crise da dívida brasileira foi amplamente discutido durante a reunião dos sete países mais ricos do mundo em Paris, ontem (na verdade seis, porque a Itália abandonou o encontro na véspera), segundo informou o ministro da Economia francês, Edouard Balladour, que foi bem específico: "O problema brasileiro não poderia estar ausente de nossos espíritos nesse momento."

Balladour, referindo-se à crise da dívida dos países do Terceiro Mundo, afirmou que "há alguns anos nós temos dificuldades periódicas com países que são importantes e eu sei que o Brasil é um país importante. Até agora, sempre conseguimos resolvê-las numa base de caso por caso. Agora, há uma crise importante devido ao papel considerável do Brasil e veremos em que medida poderemos contribuir para a solução do problema".

Balladour falou para cerca de 40

jornalistas sentados em volta de uma grande mesa na sala Colbert, um ambiente bem menos suntuoso que o grande salão do Louvre, onde o grupo dos seis países presentes à reunião dos mais ricos anunciou suas decisões, entre as quais a estabilização do dólar aos níveis atuais.

O tom do ministro foi sempre algo vago, como já o tinha sido o comunicado da reunião, na verdade mais uma carta de intenções do que uma relação de medidas concretas. Questionado sobre se a crise brasileira não poderia afetar a estabilidade das taxas de câmbio, perseguida pelos europeus e japoneses, Balladour disse não saber e — aparentemente ignorando o telex já enviado pelo Banco Central do Brasil aos credores — acrescentando que "no momento o Brasil manifestou intenções. Pelo que sei, elas ainda não foram traduzidas por decisões, para acrescentar: "Logo veremos do que se trata."

Um dos itens do documento aprovado pelos seis afirma que os "ministros notaram que um certo número de novas economias industrializadas estão tendo um papel cada vez mais importante no

comércio mundial. Essas economias conheceram crescimentos sustentados e fundamentados de modo significativo pelo acesso a mercados externos abertos e em expansão. Alguns acumularam recentemente excedentes comerciais que contribuíram de modo importante à configuração insustentável atual dos desequilíbrios globais, agravando a pressão protecionista. Os ministros e presidentes de bancos centrais consideraram importante que novas economias industrializadas assumam uma responsabilidade maior da preservação de um sistema de trocas mundial aberto, reduzindo as barreiras comerciais e conduzindo políticas que permitam a suas moedas refletir melhor os dados econômicos fundamentais".

O item, aparentemente, entra em choque com a necessidade de países como o Brasil (um dos incluídos na categoria de recentemente industrializados) de aumentar o saldo favorável de sua balança comercial para poder remunerar a sua dívida. Balladour evitou a questão, afirmando que o documento aprovado não faz referência a qualquer país específico.